

Turismo: uma esperança condicional

Eduardo Yázigi. Global Editora: São Paulo, 1999.

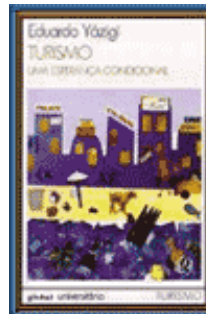
por José Henrique de Oliveira

As pesquisas recentes apontam para um considerável crescimento do setor de turismo brasileiro. Apesar disso, o país ainda carece de um espaço turístico mais organizado e com possibilidades reais de um desenvolvimento mais preocupado com a questão social do país.

O livro *Turismo: uma esperança condicional*, escrito por Eduardo Yázigi, tem o mérito de apontar alguns "gargalos" em relação ao planejamento turístico da "terra brasilis", onde o poder público precisa atuar de maneira mais incisiva.

Os dois primeiros capítulos funcionam como uma espécie de "cartão de visita" para o leitor, pois já de cara aponta para uma série de problemas que o próprio autor tem vivenciado no mercado de turismo (como, por exemplo, a falta de um projeto governamental para o setor e a carência de investimentos na formação profissional), e também para um modo de mascarar certas estatísticas de turismo em que muitas vezes são falseadas por deslocamentos motivados por um certo tipo de propósito (o que o autor chama de "turismo obrigatório" - participantes de congressos e feiras, o religioso que peregrina em romarias etc.).

Bom lembrar, antes de prosseguir, que



este texto é dividido em quatro temas (o primeiro, do qual fazem parte os dois capítulos iniciais, tem como título "Problemas e fatos gerais"). Os próximos dois capítulos compõem a temática "A degradação ambiental", em que o prof. Yázigi discute dois assuntos.

O primeiro deles é a questão do confinamento. Um bom exemplo para ilustrar esse assunto é o aumento no número de construções de resorts (do tipo Club Méditerranée) em que se cria uma verdadeira barreira para o turista a fim de aprisioná-lo em um espaço para não se ter nenhum contato com o tipo de vida que se leva ao redor de onde ele se encontra hospedado. Esta barreira, como bem coloca o autor, "serve para evitar conflitos maiores. É a separação da barbárie". Essa falta de liberdade leva o turista, na maioria das vezes, a uma "impossibilidade de transito social (...) que obriga o visitante a remeter-se apenas com aquilo que é proposto como padrão naquele microcosmo" (p.51). É realmente uma calamidade esse tipo de postura. Ainda mais num país tão rico e plural em termos de cultura popular.

O segundo assunto debatido ainda nesta temática é a questão do vandalismo paisagístico, em que chama atenção para um certo controle da urbanização. Pois o

processo acelerado desse tipo de prática conduz para um "falso progresso" em que muitas vezes o que se registra é um modelo de favelização desses lugares, contribuindo para um aumento de pobreza. Os atores sociais são os mesmos do assunto anterior: os grandes empreendimentos do tipo resorts e shopping centers são responsáveis por um marketing turístico baseado "num processo deliberado de ocultação do vandalismo e da miséria. O próprio turismo, como tem sido conduzido, é fator de vandalismo". (p. 73)

Em "Definição do turismo a ser perseguido" (terceiro tema), o autor expõe no capítulo de abertura (Pelo aprimoramento da idéia de lugar) dessa seção uma reflexão acerca de uma pesquisa que conduziu junto ao CNPq sobre o "lugar no planejamento territorial". Seus focos de estudo foram o Litoral norte de São Paulo (Ilhabela, São Sebastião, Caraguatatuba e Ubatuba) e a Serra da Mantiqueira, que serviram de exemplo para mostrar o "espírito de imitação" que impera na grande maioria desses núcleos turísticos.

No capítulo seguinte (Ecoturismo, uma doce ilusão) desse tema é mostrado como a sociedade capitalista se apropriou do termo "ecoturismo" para tentar se redimir dos problemas criados por ela mesma. É bastante pertinente o questionamento do pesquisador ao final do capítulo: "Não seria então o caso de encarar o turismo enquanto organização e planejamento integrado à vida do país, muito mais do que se contentar com o 'ecoturismo' de agências e cartões de visita de municípios cegos ao que realmente importa?" (p. 107).

O capítulo que fecha essa temática aborda os modelos de turismo de Amazônia e Pantanal, em que o autor aposta suas fichas nestes dois lugares com um enorme potencial para organizar sua atividade turística sem perder a sua identidade cultural local.

O último, porém não menos importante tema ("O aparelhamento da administração") do livro é composto de três capítulos. No primeiro se discute a necessidade de projetos bem planejados na área do turismo e que estejam comprometidos com o desenvolvimento social do país como um todo, pois a atividade turística "tem de ser pensad(a) inclusive em termos do cidadão nacional".

Em Sobre a responsabilidade municipal no planejamento do turismo, atenta-se para a importância de se integrar as bases regionais (em nível municipal) para só assim se consegue almejar um planejamento turístico decente de base nacional. Tem a ver com um termo muito na moda atualmente: do local ao global.

Para encerrar, A cidade linear atlântica: em busca de diretrizes nacionais de gestão aborda um problema muito peculiar do território brasileiro - a necessidade de um planejamento de gerência costeira, dado a nossa extensa faixa litorânea, pois como bem coloca Yázigi "o turismo brasileiro é essencialmente litorâneo e urbano".

Como último detalhe, vale ressaltar que o livro teve uma primeira edição no ano de 1998 pela editora Plêiade. Em 1999 foi lançada uma segunda edição, revisada e ampliada pelo autor, editada pela Global editora.

Referência:

YÁZIGI, E. Turismo: uma esperança condicional. Global Editora. São Paulo. 1999.

* José Henrique de Oliveira é mestrando do Programa de Engenharia de Produção da COPPE/ UFRJ e pesquisador do IVT